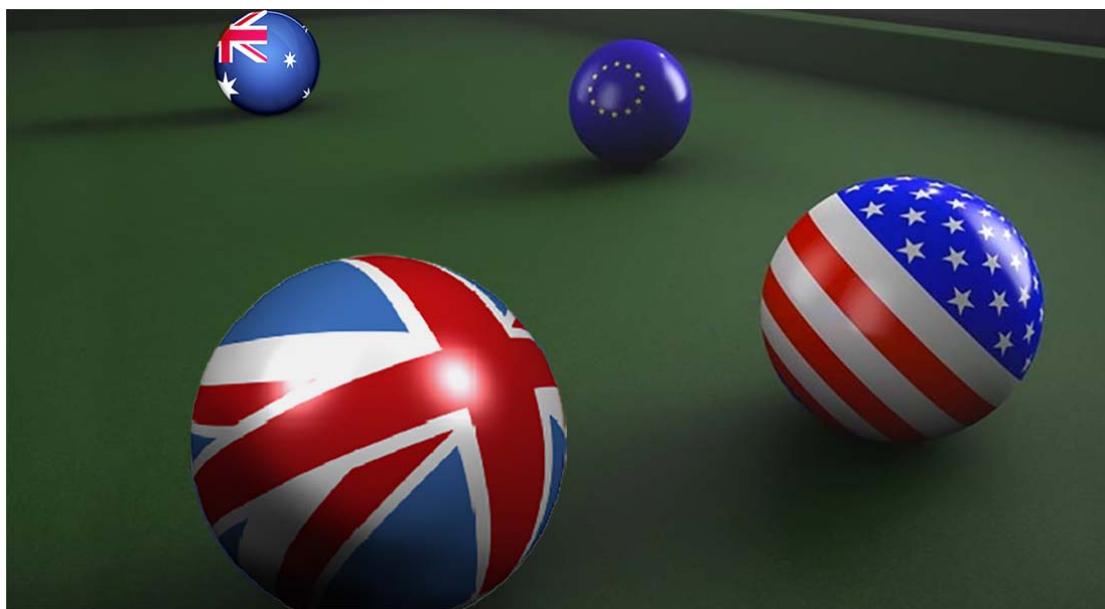


COM O AUKUS, OS ANGLO-SAXÕES DEIXARAM OS EUROPEUS EM UMA SINUCA

Por Wolfgang Münchau, publicado no Euro Intelligence.*



Montagem com imagens Shutterstock/PNGWing.

A diplomacia da União Europeia é movida pela emoção e por uma compreensão superficial das políticas dos Estados Unidos e do Reino Unido. Os líderes europeus subestimaram Boris Johnson e superestimaram Joe Biden, uma combinação ruim.

A retirada de um embaixador é uma tentativa de reagir a uma mudança estratégica do século XXI com a diplomacia do século XIX. Bufar e fazer birra não vai levar a nada. Mas a França está certa em um aspecto específico. A aliança de submarinos nucleares do AUKUS entre os Estados Unidos, Austrália e Reino Unido terá implicações duradouras para a OTAN. A aliança não será dissolvida, mas no futuro terá um papel mais periférico. Da Segunda Guerra Mundial até a última década, a política externa e de segurança dos EUA concentrou-se na Europa e no Oriente Médio. Sob os presidentes Donald Trump e Joe Biden, mudou para o Indo-Pacífico.

Isso levanta uma questão: por que o Reino Unido faz parte dessa mudança, e não a França? Os Estados Unidos consideram a França e a União Europeia pouco confiáveis com respeito à China por causa de suas relações especiais. A Alemanha e a França promoveram um acordo abrangente sobre investimentos entre a UE e a China pouco antes da posse de Biden. A Alemanha mantém enormes superávits de exportação com a China que deseja proteger. Armin Laschet e Olaf Scholz (políticos alemães) são a favor do alargamento da relação bilateral. A Europa também deixou uma porta aberta para a Huawei para suas redes 5G. Foi apenas o

Reino Unido que realmente cortou os *links*. O embaixador chinês no Reino Unido reagiu com fúria desenfreada. Seus colegas em Paris e Berlim, ao contrário, permaneceram calados. Presumo que eles tenham recebido garantias por meio dos canais de apoio.

O Reino Unido é claramente o parceiro júnior do AUKUS. Mas é o único país europeu em que os EUA podem confiar na busca de seus interesses estratégicos no Indo-Pacífico. Para os franceses, o Reino Unido não é a questão central aqui, mas sua participação constitui um insulto adicional à lesão. Eles foram, como se dizem na Inglaterra, “sinucados” (*snookered*).

Se o Reino Unido ainda fosse membro da UE, isso ainda poderia ter acontecido teoricamente, mas não na prática. Do ponto de vista do Reino Unido, o BREXIT permite opções estratégicas que até então eram impensáveis. O Reino Unido também faz parte do grupo de compartilhamento de inteligência Five Eyes, que inclui Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia.

O realinhamento estratégico do Reino Unido não era inevitável. Em grande parte, é o resultado de como a UE conduziu as negociações do BREXIT. A liderança da UE nunca perdeu uma oportunidade de criticar o BREXIT. Donald Tusk, ex-presidente do Conselho Europeu, alinhou-se à campanha do segundo referendo no Reino Unido. A UE poderia, mas não apoiou os parlamentares do Reino Unido que buscaram um compromisso, como Kenneth Clarke ou Stephen Kinnock.

O segundo erro, ainda pior do que o primeiro, foi a intenção de forçar o sistema regulatório da UE sobre o Reino Unido como preço para um acordo de livre comércio. Em nenhum momento a UE sequer considerou que tipo de relação estratégica queria com o Reino Unido após o BREXIT. A UE permitiu que a raiva em relação ao BREXIT atrapalhasse a tomada de decisões racionais.

O enorme custo dessa estupidez está lentamente se tornando aparente. O Reino Unido não inundará a UE com produtos baratos, como a França temia. A estratégia do Reino Unido é mais sutil. Ele será gradualmente excluído da política de segurança europeia. Ele também será excluído do regime de proteção de dados e da regulamentação financeira do Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (*General Data Protection Regulation*, GDPR). O Reino Unido investiu mais em inteligência artificial do que qualquer país da UE. É membro permanente do conselho de segurança da ONU e do G7. O que diabos a UE estava pensando?

E não, Biden não vai intervir em nome da UE no atual impasse sobre a Irlanda do Norte. Os líderes da UE sempre subestimaram Boris Johnson. E eles sempre superestimaram Joe Biden. Uma combinação ruim.

A diplomacia da UE é movida pela emoção e por uma compreensão superficial das políticas dos EUA e do Reino Unido para esse assunto. Por que a UE depositou tanta esperança, tão publicamente, na mudança de regime em Washington no ano passado? Donald Trump era barulhento e grosseiro, mas tudo o que ele fez à UE, além de insultá-los, foi impor tarifas. A Europa nunca experimentou nada tão hostil quanto a retirada de Biden do Afeganistão ou o acordo AUKUS. Mas tudo isso era perfeitamente previsível.

O próximo acidente previsível com Washington será sobre o compartilhamento nuclear. Os Verdes e o Partido de Esquerda, possíveis membros da próxima coalizão alemã, querem sair do guarda-chuva nuclear dos Estados Unidos. O SPD (*Sozialdemokratische Partei Deutschland*, Partido Social-Democrata da Alemanha) ainda defende a OTAN da boca para fora, mas se opõe à meta da aliança de 2% de gastos com Defesa.

Com o tempo, eu esperaria que a OTAN e o elo transatlântico enfraquecessem. A UE fala em autonomia estratégica, mas subestima a dimensão e, mais importante, a natureza da tarefa. Isso exigiria uma união política federal, com uma política externa federal e uma força de defesa europeia, ambas independentes dos Estados-membros. Para financiá-lo, tal união federal exigiria aumento de impostos e poderes de emissão de dívidas. O inevitável realinhamento estratégico do Reino Unido está tornando essa tarefa ainda mais difícil, porque o Reino Unido costumava desempenhar um papel crítico na segurança europeia, um papel que a Alemanha não preencherá.

A versão adulta da autonomia estratégica é um empreendimento muito sério, para o qual a União Europeia não está preparada. O fracasso coletivo em entender a política externa de Biden e a necessidade de uma aliança com o Reino Unido está nos dizendo que o empreendimento não tem esperança de sucesso.

**Wolfgang Münchau estudou Matemática na Fernuniversität, Administração de Empresas em Reutlingen e Jornalismo Internacional na London City University. Iniciou sua carreira jornalística em 1988 no London Times, onde ocupou vários cargos até 1995. Foi correspondente de negócios do Financial Times até 1999, quando co-fundou o Financial Times Deutschland, onde inicialmente foi chefe de notícias e posteriormente editor-chefe. Em 2006 co-fundou a Eurointelligence ASBL, uma plataforma na Internet para análises econômicas da Zona do Euro. Durante sua carreira recebeu os prêmios Wincott Young Financial Journalist of the Year em 1989 e o Keynes Society em 2016.*
